

A recepção dos discursos do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo por parte de professores e alunos: resultados parciais de pesquisa¹

Felipe Correa de MELLO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Neste artigo, propomos apresentar os resultados parciais de nossa pesquisa de doutorado, voltada para a análise e compreensão do processo de recepção dos discursos do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo por parte de alunos e professores do ensino médio e fundamental II. O Memorial da Resistência do Estado de São Paulo é uma instituição museológica voltada para a pesquisa e comunicação das memórias da resistência e da repressão do Brasil Republicano, privilegiando a ditadura civil-militar (1964-1985). Em nossa pesquisa buscamos analisar a forma como o campo escolar reelabora e ressignifica os discursos do Memorial e nesse processo contribui para o (re) desenho dos sentidos sobre a ditadura civil-militar em circulação em nossa sociedade.

Palavras-chave

comunicação; educação; Memorial da Resistência; ditadura; história; escola

Introdução

Neste artigo, apresentamos os resultados parciais de nossa pesquisa de doutorado (em andamento), realizada no PPGCOM da Escola Superior de Propaganda e Marketing, que tem como foco a compreensão do processo de recepção dos discursos do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo por parte de professores e alunos do ensino médio e do ensino fundamental II.

O Memorial da Resistência do Estado de São Paulo é uma instituição museológica que integra a Estação Pinacoteca e ocupa parte do edifício que pertenceu ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo – DEOPS/SP, durante o período de 1940 a 1983. Foi criado em 2008 a partir de iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, através da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, conjugada com a mobilização de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM-ESPM, São Paulo), bacharel em História (USP) e pesquisador do GrupoCNPq de Pesquisa em Comunicação, Educação e Consumo: as interfaces com a teleficação (ESPM). felipeccmello79@hotmail.com

diversos setores da sociedade civil, sobretudo do Fórum Permanente de Ex- Presos Políticos do Estado de São Paulo e da administração da Pinacoteca do Estado. É a única instituição desse tipo no Brasil.

O programa museológico do Memorial é estruturado em procedimentos de pesquisa, salvaguarda e comunicação das memórias da resistência, do controle estatal e da repressão durante o Brasil Republicano – de 1889 até os dias de hoje. Seu objetivo, assim como o objetivo de outras instituições museológicas do mesmo tipo, é a construção de um espaço voltado para a reflexão crítica da história recente, para o aprimoramento da democracia e para a valorização de uma cultura em direitos humanos. O Memorial possui as seguintes linhas de ação: Centro de Referência, Lugares da Memória, Coleta Regular de Testemunhos, Exposições (Permanente e temporárias), Ação Educativa e Ação Cultural (ARAÚJO; BRUNO, 2009).

A exposição de longa duração está abrigada no antigo espaço carcerário do DEOPS/SP e é organizada em quatro módulos. Nos dois primeiros módulos (Módulo A e Módulo B), os visitantes acompanham, a partir de diversos recursos como imagens, linhas do tempo, vídeos interativos e documentos, a história do Brasil republicano tendo como ênfase a Era Vargas (1930-1945) e a ditadura civil-militar (1964-1985). O terceiro módulo (Módulo C) é composto pelo espaço prisional do DEOPS/SP – constituído pelas quatro celas remanescentes, pelo corredor principal e pelo corredor para banho de sol –, e tem como objetivo apresentar o cotidiano dos presos políticos. O quarto módulo (Módulo D) é um espaço que oferece aos visitantes aprofundamento temático através de consulta a banco de dados referenciais por meio de computadores, assim como através de amostragem de objetos e documentos relacionados ao contexto cultural e histórico contemplado pelo Memorial (MELLO; BACCEGA, 2014).

Em nossa pesquisa, buscamos, em primeiro lugar, desenvolver uma defesa teórica de que o Memorial da Resistência do Estado de São Paulo constitui-se como um espaço comunicacional, sendo seu estudo parte do campo da comunicação. A construção dessa defesa está amparada nos aportes teóricos oferecidos pelos Estudos de Recepção Latino-Americanos e pela Análise de Discurso de Linha Francesa. Ambos os referenciais são amarrados a partir do campo da Comunicação/Educação.

Em segundo lugar, buscamos realizar uma pesquisa de recepção dos discursos do Memorial por parte de alunos e professores do terceiro ano do ensino médio e do nono ano do ensino fundamental II. Dentro desse contexto, nossa pesquisa envolve dois processos

diferenciados, porém articulados, de recepção: um deles repousa na análise de como os professores do ensino médio recebem os discursos do Memorial e como eles reelaboram e recriam esses conteúdos na forma de outro discurso; o outro repousa na análise de como esse discurso, transposto para sala de aula, é recebido e ressignificado pelos alunos.

Além do mais, tendo em vista encorpar os dados obtidos pela pesquisa, propomos realizar análise de como os alunos recebem e reelaboram os discursos do Memorial sem a mediação do professor.

Em nossa pesquisa, estamos especialmente interessados em analisar as batalhas pela hegemonia dos sentidos sociais em direção à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Sendo assim, esperamos focar nossa análise na produção e reprodução de sentidos contra hegemônicos e/ou hegemônicos sobre a ditadura civil-militar – bem como sobre a cultura de direitos humanos no Brasil contemporâneo –, indagando a forma como os sentidos produzidos pelos professores e alunos na recepção dos discursos do Memorial se entrecruzam, embatem e dialogam com o conjunto dos discursos, acerca desses temas (ditadura e direitos humanos), em circulação na sociedade.

A pesquisa encontra-se em estágio de finalização, faltando algumas etapas de coletada de dados junto às escolas, bem como o fechamento do trabalho interpretativo dos discursos dos professores e alunos. Neste artigo, propomos apresentar algumas linhas de análise e de interpretação obtidas até o momento.

1. O Memorial da Resistência do Estado de São Paulo como espaço comunicacional

Em linhas gerais, o discurso expositivo do Memorial é organizado a partir dos enfoques temáticos “Resistência”, “Controle” e “Repressão”. Assim, a despeito de as memórias mostrarem as atrocidades cometidas pelos aparatos repressivos e de controle estatais, elas, ao mesmo tempo, são construídas de forma a iluminar a dimensão de luta e de resistência da sociedade brasileira ao longo da história republicana – tendo como foco o Estado Novo e a ditadura civil-militar, períodos nos quais a repressão, o controle estatal e a resistência estão mais presentes. Nesse ponto, o Memorial estabelece uma importante articulação entre passado, presente e futuro ao mostrar para seus visitantes que nenhum regime autoritário consegue estabelecer uma dominação que atravesse de forma completa e totalitária o conjunto da sociedade. Tanto no passado, evocado pelas memórias de

resistência, quanto no presente, os sujeitos são agentes históricos capazes de lutar e encontrar brechas para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária (MELLO; BACCEGA, 2014).

O Memorial da Resistência do Estado de São Paulo assume grande importância no contexto social e político brasileiro dada a peculiaridade de nosso processo de transição da ditadura civil-militar para a democracia. Transição essa que envolve, dentre outros fatores, a impunidade aos torturadores, a falta de esclarecimento acerca de diversos desaparecidos e mortos durante a ditadura, o relativo silenciamento acerca da participação de empresários e agentes da sociedade civil na construção e manutenção da ditadura, a ausência de um debate público acerca do genocídio dos povos indígenas por parte do Estado etc.

Ao dar destaque a determinados acontecimentos, narrativas e memórias, o Memorial da Resistência, tal como os meios de comunicação, contribui para a edição do mundo, desempenhando importante papel na práxis de (re) construção das representações e valores sociais. Constitui-se, assim, como importante meio de comunicação no embate de constituição dos sentidos sociais, logo na consolidação de uma cultura democrática e de respeito aos direitos humanos (MELLO; BACCEGA, 2014).

Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, realizamos nossa argumentação do Memorial de Resistência como espaço comunicacional a partir dos referenciais teóricos dos Estudos de Recepção Latino- Americanos, da Análise de Discurso de Linha Francesa e do campo da Comunicação/Educação.

A contribuição desses aportes permite, em primeiro lugar, uma concepção mais ampla de cultura abarcando o “conjunto de relações sociais que incluem atores, instituições e empresas, públicas ou privadas, que se volta para a produção e circulação de bens simbólicos” (BACCEGA, 2009, p. 24). Nesse caminho, permite que pensemos a comunicação a partir da cultura e não tão somente como uma questão dos meios e de suas dimensões técnicas.

Em segundo lugar, esses aportes permitem que a cultura seja compreendida como uma arena de lutas sociais, possibilitando, assim, darmos conta de duas dimensões que estamos especialmente interessados em contemplar em nossa pesquisa: a questão da produção de sentidos e a questão do poder articulado às produções simbólicas. Nesse ponto, destacamos a importância do conceito gramsciano de hegemonia que ilumina que a comunicação é “um movimento que atravessa e desloca a cultura” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 238).

Compreendemos que cultura e comunicação constituem duas faces da mesma moeda e estão presentes em todas as dimensões das práticas cotidianas. Assim, concebemos a comunicação como discurso e produção simbólica indispensável para a (re) produção da vida social. A comunicação está presente, sim, nos meios de comunicação, mas também em “todos os lados e formas da vida cultural e social dos povos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 237): nas festas populares, nas conversas do dia-a-dia, nas artes, na sala de aula, nos Museus etc.

Ao propormos situar as “materialidades da comunicação” num campo mais amplo que o situado pela noção tradicional de mídia, compreendida como instrumento tecnológico, suporte veiculador de sentidos, não estamos questionando a validade epistemológica e teórica de outras posições presentes no campo, mas sim estamos propondo uma concepção mais abrangente que contribua para abarcar a complexidade das redes de sentido que fazem parte da vida cotidiana.

Em terceiro lugar, a contribuição desses enfoques permite que pensemos a comunicação como um processo no qual o polo produtor e o polo receptor estão articulados entre si e em constante diálogo com as estruturas sociais, políticas e econômicas – permite que contemplemos a natureza dialogal dos discursos que tecem a sociedade. Como nos mostra Baccega, “nem o emissor nem o receptor são autores eles próprios do processo comunicacional [...] a significação de uma forma simbólica só ocorre no encontro com esses dois (BACCEGA, 2012, p. 263)”.

Nesse sentido, ao iluminar a complexa rede discursiva que compõe a trama cultural, bem como a dimensão ativa do receptor, esse olhar nos direciona a vislumbrar as mediações comunicativas da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 212; 2010 p. 289). O que, grosso modo, implica contemplar a experiência que os sujeitos têm com os diversos meios, quaisquer que sejam esses, os “tradicionais” ou, conforme propomos, outros, como o Memorial.

Finalmente, em quarto lugar, esses enfoques permite que pensemos a questão da mídia, e, vinculada a ela, a produção social de sentidos, a partir da materialidade discursiva. Entendemos que o Memorial instaura uma materialidade discursiva predisposta a se contrapor à relativa ausência de discursos em circulação na sociedade referentes à repressão, resistência e controle estatal ao longo da história republicana do Brasil. Nesse contexto, os discursos produzidos pelo Memorial participam dos embates pela hegemonia dos sentidos sociais ao fazerem emergir a materialidade e a historicidade dos sentidos que

foram (e são) permanentemente silenciados e apagados através de procedimentos ideológicos de naturalização da violência e violação dos direitos humanos, impedindo assim a conscientização reflexiva dos sujeitos rumo às mudanças sociais.

Conforme nos mostra Orlandi (2012), o trabalho da ideologia é o de produzir evidências, ou seja, apagar a materialidade e a historicidade dos sentidos através do esquecimento e do silenciamento e, assim, apresentar esses sentidos como evidentes. Em outras palavras, significa dizer que a ideologia opera através de procedimentos de naturalização: apresenta aos sujeitos a inexorabilidade dos sentidos e da ordem das coisas como estão. Nesse sentido, ela geralmente interessa à classe dominante que busca incessantemente fixar valores e sentidos para garantir a manutenção da ordem de dominação (BAKHTIN, 2002, p. 46-7).

Toda palavra destina-se a um “outro”, presente ou ausente. Sempre há “um auditório estabelecido, presente ou implícito, e a palavra carregará essas três determinações: ela procede de alguém, dirige-se para alguém e procura persuadir” (BACCEGA 1998, p.21). Toda comunicação é uma relação de forças. Assim, o Memorial, na figura de enunciador e enunciatário de discursos sociais em circulação em nossa sociedade, produz determinadas materialidades discursivas com o propósito de denunciar os fatos ocorridos durante a ditadura civil-militar e sobre os direitos humanos, e, nesse processo, conscientizar seus interlocutores, em direção à transformação de nossa sociedade.

Além do mais, ao iluminarmos o caráter material do discurso, podemos refletir sobre o processo comunicativo em que estão inseridos o Memorial e seus receptores a partir da questão do consumo material do discurso histórico e das memórias sobre os episódios de violação sistemática dos direitos humanos ao longo da história de nossa república.

Em suma: contemplamos, em nossa análise do Memorial, a integração do sujeito emissor e o sujeito receptor dentro de uma relação interativa de trocas, embates, lutas e negociações discursivas. Dentro de um processo comunicativo. Esse enfoque, por conseguinte, nos leva a contemplar o cotidiano – universo do diálogo e interação, onde processos e estruturas se articulam dialeticamente – e, nesse processo, dirige nosso interesse para os embates pela hegemonia dos sentidos sociais presentes na interseção do campo escolar e dos meios de comunicação, no qual se inclui o Memorial da Resistência.

2. Síntese da metodologia da pesquisa

Seleção dos sujeitos da pesquisa

Como sujeitos da pesquisa, escolhemos professores de História do nono ano do ensino fundamental e do terceiro ano do ensino médio da cidade de São Paulo. A escolha de professores dessa disciplina se deu porque essa está voltada para os temas centrais abordados pelo Memorial, como as noções de temporalidade, coletividade, Estado, conflitos dos processos históricos, documento e monumento; já a definição dos anos escolares se deu pelo fato de serem esses os momentos em que o tema “ditadura” é ensinado.

Em relação aos alunos, escolhemos aqueles que têm aula com os professores selecionados.

Buscamos fazer uma análise comparativa entre escolas públicas e escolas privadas, tendo em vista demarcar os pontos de divergência e de convergência na produção de sentidos sobre a ditadura civil-militar e sobre a cultura de direitos humanos no Brasil contemporâneo. Essa escolha se deu, sobretudo, a partir do pressuposto de que a classe social é a mediação mais significativa no processo de recepção. Entretanto, estamos cientes da limitação de escolhermos como indicador empírico da posição social ocupada pelos sujeitos de nossa pesquisa a distinção entre escola pública e escola particular. Dentre diversos pontos, essa limitação reside em não contemplar uma conceitualização da categoria “classe social”, bem como em reduzir a complexidade da classe social ao pertencimento a determinado tipo de escola, definido por um recorte socioeconômico. Para dirimir esses problemas buscamos articular os resultados empíricos obtidos com as reflexões do sociólogo Jesse de Souza sobre as classes sociais no Brasil contemporâneo (SOUZA, 2010). Essa reflexão encontra-se em fase inicial.

Selecionamos duas escolas particulares, situadas em bairros nobres da cidade de São Paulo: Perdizes e Vila Olímpia, bem como duas escolas públicas, situadas em regiões periféricas da cidade: Ermelino Matarazzo e Perus.

Coleta dos discursos de alunos e professores

Antes de iniciarmos as entrevistas com professores e alunos, realizamos uma entrevista a partir de questionário semiestruturado com o (a) diretores (as) e/ou coordenadores (as) de cada escola. O objetivo dessa etapa reside em mapear os projetos didáticos e as abordagens pedagógicas adotadas pelas instituições. A importância desse mapeamento para nossa pesquisa é assinalada por Carvalho (2014) e González (2014) que nos ensinam que o contexto institucional é uma das principais variáveis que incidem no ensino da ditadura.

A proposta de coleta dos discursos dos professores e alunos é dividida em duas partes: (1) Percepções e avaliações sobre a ditadura civil-militar; (2) Recepção dos discursos do Memorial da Resistência.

Na primeira parte, “Percepções e avaliações sobre a ditadura civil-militar”, buscamos realizar uma entrevista em profundidade com questionário semiestruturado. Contamos com um professor de cada escola e com um grupo de quatro alunos.

O objetivo dessa parte é coletar informações sobre os projetos didáticos e as formas como os professores abordam o tema “ditadura militar” em sala de aula, sobre as percepções e avaliações, por parte dos professores, acerca do tema, bem como mapear as diversas mediações sociais e culturais que incidem na forma que eles, os professores, significam o tema. Por parte dos alunos, nosso objetivo reside em coletar informações sobre o grau de conhecimento, percepção e avaliação deles acerca da ditadura civil-militar.

A segunda parte, “Recepção dos discursos do Memorial da Resistência”, tem como objetivo analisar as formas pelas quais os professores e alunos consomem os conteúdos do Memorial da Resistência. Grosso modo, buscamos nessa etapa compreender qual o papel (“impacto”) que o Memorial desempenha no processo educativo relacionado à ditadura militar.

O discurso do Memorial da Resistência envolve a intersecção de diversos formatos e meios. Além das exposições permanentes e temporárias, abarca lançamentos de livros; exibição de documentários; mostras de cinema; atividades teatrais e musicais; vídeos de testemunho de ex-presos políticos e/ou seus familiares, disponibilizados no Youtube; dentre diversas outras atividades culturais e educativas relacionadas à temática da repressão, controle e resistência durante a história do Brasil republicano, como cursos de formação e

materiais de apoio didático para professores. Dentre esses diversos discursos, selecionamos a recepção da exposição permanente do Memorial, bem como a recepção de três vídeos disponibilizados na página Youtube do Memorial – um vídeo institucional de apresentação do Memorial e dois vídeos de testemunho de ex-presos políticos.

Devido às dificuldades de acesso integral à rotina escolar, bem como aos alunos, em nosso desenho metódico só foi possível obter o acesso ao processo de recepção da exposição do Memorial com duas escolas: uma pública (Perus) e uma particular (Vila Olímpia). No outro par de escolas (Ermelino e Perdizes), propomos realizar somente a recepção provocada dos vídeos.

A recepção dos discursos do Memorial (exposição e recepção provocada) é seguida de uma entrevista com o professor e uma entrevista com os alunos. Esta última, dividida em duas partes: questionário fechado e entrevista em grupo focal, com os alunos que foram entrevistados na primeira etapa (“Percepções e valorações sobre a ditadura civil-militar”).

Está planejado como etapa final da coleta, assistir às aulas em que serão tratados os temas relacionados à ditadura.

Quadro metodológico de análise

Uma vez realizada a coleta do *corpus* (o discurso de alunos e professores), passamos para a análise e compreensão dos sentidos mobilizados nos discursos a partir dos referenciais oferecido pela Teoria das Mediações, presente nos estudos de recepção Latino-Americanos (MARTÍN- BARBERO, 2004, 2005; RONSINI, 2012; OROZCO GÓMEZ, 2012, 2014), bem como do referencial teórico-analítico da Análise de Discurso de Linha Francesa (ADF).

3. Discursos e memórias sobre a ditadura civil-militar brasileira: os alunos e os professores em cena

Conforme nos ensina Cury (2012), as instituições museológicas contemporâneas vivem um processo de transição de paradigmas: do tradicional para o emergente. O primeiro paradigma, em linhas gerais, extrai sua legitimidade a partir da autoridade do museu e dos especialistas que o compõem. A experiência de visita é vista como uma transição unilateral de conhecimento do museu para os visitantes. Aqui, os paradigmas

comunicacionais que regulam a noção museológica são o da teoria dos efeitos e da semiótica, sendo o visitante um indivíduo que passivamente recebe os conteúdos transmitidos pelo museu.

No paradigma emergente, a despeito de a instituição museológica não abrir mão de sua autoridade e de seus especialistas, seu discurso é produzido de forma dialógica, “dando espaço à participação efetiva nos processos de musealização e patrimonialização, à valorização da subjetividade e às relações intersubjetivas no espaço do museu” (CURY, 2012, p.51). Nesse, os visitantes são considerados também sujeitos do discurso museológico, sendo esse discurso fundamentalmente polissêmico, dialógico e polifônico.

O Memorial da Resistência se propõe a ser uma instituição museológica situada dentro do paradigma emergente: seu enfoque multimetodológico e interdisciplinar privilegia as experiências dos visitantes, bem como propõe a construção dialógica e aberta dos discursos e das memórias sobre a ditadura civil-militar. Mais: o Memorial pode ser considerado uma instituição museológica dentro do paradigma emergente na medida em que seu discurso envolve diversos formatos e gêneros discursivos; envolve os discursos de múltiplos agentes da sociedade civil, como os ex-presos políticos e seus familiares; é considerado um discurso processual, porque não estático e fechado; bem como busca relacionar o passado de violência com o presente e o futuro de nossa sociedade – tendo como preocupação construir uma cultura verdadeiramente democrática em nosso país.

Nesse contexto, o Memorial está inserido no que Meneses (1994) denomina de “laboratórios da História”, espaços museológicos voltados para a reflexão dos sentidos, tensões e contradições implicados na constante (re) construção do discurso histórico, em oposição aos “teatros da memória” – espaços voltados para tão somente a contemplação do passado “em si”, sem qualquer articulação com o presente.

Não obstante o caráter dialógico e aberto do discurso museológico do Memorial, esse constrói um discurso objetivando uma leitura preferencial, nos termos de Hall (2011), por parte de seus interlocutores, qual seja: uma leitura que privilegie o ponto de vista das vítimas, dos dominados e excluídos, que ilumine as múltiplas dimensões de repressão e controle por parte do Estado durante a República brasileira, mais especificamente durante a ditadura-militar, bem como ilumine a dimensão de resistência por parte de diversos grupos e agentes históricos e, nesse caminho, contribua para mobilizar sentidos voltados para a construção de uma cidadania ativa e de valorização dos direitos democráticos e humanos em nossa sociedade.

Em contrapartida, a própria natureza polissêmica de todo discurso e o caráter ativo dos professores e alunos, coautores do discurso do Memorial, leva a um processo de ressignificação, negociação e a oposição dessa presumida leitura preferencial.

Um ponto que vem chamando especial atenção em nossas análises é a forma como os sujeitos da pesquisa compreendem e experimentam a temporalidade histórica em relação à ditadura civil-militar. Em relação à comparação entre a escola pública localizada na periferia da cidade de São Paulo (Perus) e a escola particular localizada em bairro nobre (Vila Olímpia), notamos uma diferença em que o caráter de continuidade ou de ruptura do presente em relação ao passado ditatorial é experimentado. Grosso modo, a maioria dos alunos da escola particular possui uma percepção de corte temporal entre o período ditatorial e o período democrático, enquanto alguns alunos da escola pública chamaram a atenção para o fato de no cotidiano deles e de conhecidos não haver uma mudança significativa na experiência de uma época para outra.

Conforme relato de um aluno do terceiro ano do ensino médio da escola de Perus, o fato de na periferia haver uma sistemática “política” de controle e repressão por parte da Polícia Militar, sobretudo de violência e violação dos direitos humanos de jovens negros, não permite que seja pensado que a *ditadura tenha acabado*. Em contrapartida, pudemos observar que na percepção e significação dos alunos de terceiro ano da escola particular há uma clara consciência da ditadura como um período histórico cronologicamente definido.

Em contrapartida, devemos assinalar que os alunos da escola particular compreendem a complexidade do processo histórico e muitos tenham chamado a atenção para a continuidade de dimensões da ditadura em nossa sociedade contemporânea. Essa percepção é complexificada dado o contexto social e histórico brasileiro de *impeachment* da presidenta Dilma Rouseff e da intensa disputa de sentidos acerca do caráter de golpe, ou não, desse acontecimento. Um dos alunos da escola particular durante a visita a exposição em face da menção, por parte da professora de história, de que Dilma havia sido presa no DEOPS/SP, espaço que hoje ocupa o módulo C do Memorial, durante a ditadura civil-militar, mencionou a “estranheza” do fato, uma vez que em um regime democrático a presidenta que lutara contra a ditadura havia sido *derrubada por um golpe*.

Sem quisermos estabelecer uma relação de oposição de classes que seja definidora de percepções diferentes sobre a temporalidade histórica, podemos apontar algumas interpretações sobre a percepção de continuidade ou mudança da ditadura para a democracia: tanto a mediação cotidiano quanto o capital cultural tendem a incidir na forma como os alunos significam a transição da ditadura para a democracia. Em relação ao “cotidiano” foi possível identificar uma diferença entre a escola de Perus e a escola da Vila Olímpia. O cotidiano dos alunos da escola de Perus envolve uma situação de marginalização, exclusão material e simbólica e de violência

sistemática. A experiência cotidiana desses alunos envolve o contato diário com a repressão policial (seja por experiência própria, seja por relatos de outros). Nesse sentido, essa mediação tende a produzir a percepção de continuidade de uma das características principais da ditadura, conforme definido pelo Memorial da Resistência: controle e repressão.

Nesse âmbito, podemos traçar um paralelo no que diz respeito ao silenciamento das vozes que denunciam o controle e a repressão no passado e no presente de nossa história. Conforme apontam Barbosa (2014; 2014a; 2015), Berger (2008; 2009; 2011), Castilho (2014), Dias (2014), Martins (2014), Mello e Baccega (2015), há nos meios de comunicação dominantes uma tendência ao silenciamento em relação às diversas dimensões das violências perpetradas pelo Estado durante a ditadura civil-militar. Embora a comunicação, como argumenta Martín-Barbero (2004, 2005), ocupe um lugar central na sociedade contemporânea, há, por trás das vozes presentes nos meios de comunicação dominantes, um enorme silenciamento das vozes das classes subalternas e dominadas. Quer dizer, tanto as vozes das vítimas da ditadura quanto as vozes dos jovens que sofrem cotidianamente a repressão policial, como foi apontado por alguns alunos da escola pública, não fazem parte do que Martín-Barbero denomina da “grande pira da comunicação”. São silenciadas, esquecidas.

Em relação ao “capital cultural”, a distinção em relação à percepção de continuidade ou de ruptura histórica não tende a assumir a distinção entre escola pública e escola privada. Como nos ensina Bourdieu (2006), a posição no espaço social está relacionada, grosso modo, à conjugação do montante de capital econômico e capital cultural que dado agente social acumulou ao longo de sua trajetória de vida. Essa relação é extremamente complexa e acarreta uma estruturação multidimensional do espaço social. Assim, tanto o pertencimento a uma escola pública ou a uma escola privada quanto o nível de renda socioeconômico não determinam o capital cultural do aluno e/ou professor – decorrendo disso o fato de haver alunos de escola pública da periferia com capitais culturais homólogos aos alunos de escola privada.

No contexto de nossa pesquisa, podemos traduzir, de forma generalizada, o capital cultural por uma predisposição à percepção e à conscientização reflexiva sobre a realidade social, quer dizer, por uma *politicidade*. Neste ponto, pudemos notar uma predisposição por parte de alunos *politizados* (com alto capital cultural) em perceber a continuidade de elementos da ditadura em nossa sociedade, bem como o de estabelecer relações entre o contexto atual e o contexto histórico passado. A título de ilustração: duas alunas da escola de Perus estabeleceram relações entre a resistência à ditadura e o movimento de ocupação dos alunos de escolas públicas estaduais, ocorridos no final de 2015, contra a reorganização proposta pelo governo

estadual. Essa articulação também foi notada na manifestação de alguns alunos da escola da Vila Olímpia durante a visita da exposição do Memorial.

A percepção crítica de continuidade e da ausência de uma democracia plena em nossa sociedade foi notada nas entrevistas com os professores das quatro escolas. Os quatro professores entrevistados possuem graduação e/ou pós-graduação *strictu sensu* em universidades consagradas no campo da história, bem como possuem ou possuíram vinculação com organizações estudantis e/ou sindicais, o que equivale em nossa leitura, à posse de um alto capital cultural. Além do mais, dois entrevistados relataram ter em suas famílias casos de pessoas que estiveram ligadas à resistência contra a ditadura. Nesse caso, vinculamos o capital cultural à “formação ideológica” dos entrevistados.

Do ponto de vista metodológico, devemos assinalar que a escolha dos sujeitos da pesquisa responde a diversas variáveis, incluindo as disponibilidades materiais de acesso. Assim, no processo de contato com as escolas nos deparamos com diversas recusas de entrada, podendo, essas, estarem ligadas ou não a um posicionamento ideológico refratário à reflexão crítica sobre a ditadura. Nesse campo só podemos fazer conjecturas. O que podemos saber é que o aceite das escolas e dos professores em fazerem parte da pesquisa contou com uma predisposição e uma afinidade ideológica com o pesquisador e a pesquisa -- o que leva a determinados resultados e não a outros.

Considerações finais

Em nossa pesquisa não pretendemos realizar explicações de cunho quantitativo e universalizáveis. Nosso trabalho possui um caráter ideográfico e interpretativo. Isso implica que os resultados parciais aqui apresentados não podem ser estabelecidos como representativos de determinado tipo de escola (pública/privada), determinado bairro (periférico/público), determinada posição socioeconômica (baixa/alta) ou de determinada formação ideológica/capital cultural.

Nosso propósito é o de fazer alguns apontamentos sobre a produção de sentidos acerca da ditadura civil-militar a partir da recepção do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo. Nesse caminho, buscamos interpretar qual o papel que essa instituição tem na formação da consciência democrática de alunos e professores. Esse trabalho implica uma análise mais substantiva do diálogo entre o Memorial e o campo escolar, processo que, no presente momento (junho de 2016) encontra-se em andamento.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (org.). **Memorial da Resistência de São Paulo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.
- BACCEGA, M. A. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação e educação**. Revista do departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP. São Paulo, ano XIV, número 3, set./dez 2009, p. 19-28.
- BACCEGA, M A. O consumo no campo comunicação/educação: importância para a cidadania. In: ROCHA, Rose de Melo; CASAQUI, Vander (org.). **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo**. São Paulo: Sulina, 2012, p. 248-265.
- BARBOSA, M. C. Imprensa e Golpe de 1964: entre o silêncio e as lembranças de fatias do passado. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), v. 11, 2014, p. 7-20.
- BARBOSA, M C. Imprensa e ditadura: do esquecimento à produção de imagens sínteses. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v. 3, 2014a, p. 11-20.
- BARBOSA, M C. 1968 e a multidão como massa: televisão e imagens políticas da memória e do esquecimento. **Galáxia** (PUCSP), v. 29, 2015, p. 57-69
- BERGER, C. Lembrar, esquecer, narrar, expor, anistiar, cobrar. Política de memória e memória midiaticizada. In: Christa Berger; Beatriz Marocco. (Org.). **Ilha do Presídio: uma reportagem de idéias**. 1ed.Porto Alegre: Libretos, 2008, v. 1, p. 21-32.
- BERGER, C. Imprensa e ideologia ou como os jornais reconhecem o presente. In: SILVEIRA, Helder Gordim da; ABREU, Luciano Aronne de; MANSAN, Jaime Valim. (Org.). **História e Ideologia: perspectivas e debates**. Passo Fundo: UPF editora, 2009, v. H672, p. 333-352.
- BERGER, C. Trajetória de vida e acontecimento: Simonal na ditadura. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: percursos metodológicos**. 1ed.Florianópolis: Insular, 2011, v. 2, p. 145-165.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: AnnaBlume/Hucitec, 2002.
- BOURDIEU, P. **A distinção**. Crítica social do julgamento. Zouk: Porto Alegre, 2006.
- CARVALHO, A. Discutindo a ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e possibilidades **Material de aprofundamento temático**. Memorial da Resistência do Estado de São Paulo, 2014.
- CASTILHO, M. S. Os trabalhos de memória e o papel de O Globo no golpe de 1964. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF**. Juiz de Fora, Vol.8, nº2, dezembro 2014, p.1-16.
- CURY, M, X. Museologia, Comunicação Museológica e Narrativa Indígena: a Experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre. **Museologia & Interdisciplinaridade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília Vol.1, nº1, jan/jul de 2012.

- DIAS, A. B. **O presente da memória:** uso do passado e as (re)construções de identidade da Folha de São paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- GONZÁLEZ, M. P. **Educación y memoria en Argentina.** Lima, Peru: Instituto de Estudios Peruanos/IEP, 2014.
- HALL, Stuart. **Da diáspora.** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 20011.
- MARTÍN- BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo.** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo, Loyola, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.
- MARTINS, A. V. O Estado nas guerras de memórias dos 50 Anos do Golpe Militar. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF.** Juiz de Fora, Vol.8, nº2, dezembro 2014, p.1-29.
- MELLO, F. C.; BACCEGA, M. A. Imprensa e discurso histórico: a Comissão Nacional da Verdade na Folha de S. Paulo e no O Estado de S. Paulo. **Comunicação e Educação.** Revista do departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP, Ano XX., n.1, Jan/Jul, 2015, p. 105-116.
- MELLO, F. C; BACCEGA, M.A. Comunicação e história: o papel do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo na (re) construção das narrativas históricas sobre a ditadura militar (1964-1985). **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Foz do Iguaçu, PR, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014.
- MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.** Vol. 2, n. 1, São Paulo, 1994.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso.** Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.
- OROZCO GÓMEZ, G. **Televisión, audiências y educación.** Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2007.
- OROZCO GÓMEZ, G. **Educomunicação.** Recepção midiática, aprendizagens e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RONSI, V. **A crença no mérito e na desigualdade:** a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre, Sulinas, 2012.
- SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros:** Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2010.